

## ESCOLA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: INDICATIVOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

Wilma Nayra Santos Severo<sup>1</sup>  
Laêda Bezerra Machado<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar as representações sociais de escola e prática pedagógica no ensino médio, construídas por estudantes matriculados em diferentes instituições públicas estaduais. Representações sociais são modos de interpretar a realidade que orientam as práticas dos sujeitos. Desenvolvemos um estudo qualitativo delineado como pesquisa de campo com 33 estudantes matriculados no primeiro ano do ensino médio de diferentes escolas estaduais situadas em Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes-PE. Como técnica de coleta de dados utilizamos: questionário e entrevista narrativa. Os resultados indicaram representações sociais de escola centradas na qualidade do ensino, abrangência da formação, boa convivência no espaço e infraestrutura deficitária. No que se refere à prática pedagógica identificamos, com algumas restrições, responsabilidade, compromisso e boa convivência por parte dos docentes; funcionários dedicados, equipe gestora burocrática e distante do cotidiano dos estudantes nas escolas. Constatamos uma diversidade nas representações das práticas de escolas técnicas, de referência e regulares, pois os alunos de escolas técnicas são mais favoráveis às práticas em suas escolas. Este trabalho sugere um repensar das políticas de ensino médio no estado de Pernambuco que, mesmo voltadas para inclusão da juventude, têm sido excludentes para grande parte desse grupo social.

**Palavras-chave:** Ensino médio, Representações sociais, Escola, Prática Pedagógica.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, fruto de uma pesquisa mais ampla<sup>3</sup>, abordamos as representações sociais de escola e prática pedagógica, construídas por estudantes matriculados no primeiro ano de diferentes escolas públicas de ensino médio.

Representações sociais são construções coletivas dos sujeitos impregnadas de elementos cognitivos, afetivos e simbólicos gerados em situação de interação social. A partir deste conceito, gerado em estudo sobre a Psicanálise, S. Moscovici, nos anos 1960 desenvolveu a Teoria das Representações Sociais (TRS). Segundo Jodelet (2005), representações sociais são construídas no cotidiano e se manifestam por saberes práticos dos sujeitos, na expressão da

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, E-mail: wilma.nayra@ufpe.br;

<sup>2</sup> Doutora em educação, docente e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; orientadora da pesquisa. E-mail: laeda01@gmail.com;

<sup>3</sup> Olhares psicossociais sobre a prática pedagógica na escola de ensino médio – Pesquisa coordenada pela Professora Laêda Bezerra Machado-UFPE, processo CNPq nº 309687/2020-9. Subprojeto Pibic intitulado: Escola e Prática Pedagógica no Ensino Médio: Representações Sociais de Jovens Estudantes.



identidade, nas tradições e culturas, no modo de viver, presente nos costumes. A autora acrescenta que “as representações são um guia para as ações sociais” (Jodelet, 2005, p.135).

Sobre a produção do conhecimento acerca da escola de ensino médio, um levantamento bibliográfico no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) indicou tratar-se de uma temática estudada há mais de 30 anos, com maior concentração na primeira e segunda década dos anos 2000. Dos principais enfoques dessa produção destacamos: a relação professor-aluno, construção de saberes no ensino médio e o ensino médio noturno.

Os trabalhos referentes à relação professor-aluno abordam a afetividade como elemento crucial à qualidade do relacionamento entre professores e alunos. Reiteram a importância da afetividade na construção de uma interação harmoniosa e admitem que uma boa relação professor-aluno influencia o emocional do estudante e favorece seu desempenho escolar. O segundo grupo de trabalhos destaca as dificuldades enfrentadas por alunos do ensino médio e suas consequências, como a reprovação e o fracasso escolar. Os estudos indicam alguns fatores determinantes para esse fracasso como a falta de adaptação à proposta escolar, problemas de aprendizagem dos conteúdos de linguagem e matemática entre outros. Os trabalhos sobre a escola de ensino médio noturna, incluídos no terceiro grupo, salientam as dificuldades do aluno trabalhador e sua frequência à escola noturna. Ressaltam as insuficiências e desigualdades desse ensino, que tem como público principal, alunos trabalhadores que enfrentam uma jornada diária de trabalho e chegam à escola com poucas condições físicas para investimento e dedicação aos estudos.

Como já dissemos, neste texto procuramos explicitar as representações sociais de estudantes de ensino médio a respeito da escola de ensino médio e prática pedagógica nessas instituições.

Na atualidade, a prática pedagógica é compreendida sob múltiplos aspectos que influenciam a delimitação de sua abrangência. Diversos teóricos delimitam sua ação à escola e, principalmente, à sala de aula, porém outros ressaltam as vinculações do trabalho escolar com o contexto social.

Souza (2009) concebe a prática pedagógica como uma prática social, de caráter histórico e cultural, que vai além da prática docente e atividades didáticas em sala de aula, abrange os diferentes aspectos do projeto pedagógico da escola e suas relações com a comunidade e a sociedade. Não excluindo o caráter social da prática pedagógica, Zabala (1998), afirma que sua ação se expressa, no microsistema da sala de aula, como um fazer ordenado, voltado para o ato educativo.



No âmbito da pesquisa da que originou este texto, a prática pedagógica é entendida como um saber social e uma relação de trabalho com os educandos, centrada nas ações desenvolvidas por professores, gestores e estudantes de ensino médio nas instituições escolares. Assim, buscamos neste texto explicitar as representações sociais de escola de ensino médio e prática pedagógica nessas instituições.

## **METODOLOGIA**

Para concretização do objetivo proposto desenvolvemos um estudo qualitativo delineado como estudo de campo com alunos do primeiro ano do ensino médio de escolas públicas dos municípios de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes-PE.

O grupo participante foi selecionado considerando-se o tipo de escola em que estudam, de modo a contemplar os matriculados em escolas de referência, escolas regulares e escolas técnicas de nível médio.

Participaram da pesquisa 33 alunos matriculados no primeiro ano do ensino médio dessas escolas estaduais. A faixa etária dos entrevistados é de 14 e 18 anos e a média geral de idade do grupo 16 anos<sup>4</sup>. Em consonância com os critérios estabelecidos, envolvemos estudantes de seis escolas de referência (EREM), quatro escolas técnicas (ET) e duas escolas regulares (ER). Essas escolas estão situadas em Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes-PE, sendo que a maior parte dos estudantes (25) reside e estuda em Recife. Entrevistamos 10 estudantes de EREM, 16 de ET e 7 de ER.

Localizamos esses sujeitos utilizando a estratégia de “bola de neve” e em contato direto com esses jovens e adolescentes nas escolas. A “bola de neve” consiste em um sujeito indicar outro para participar. No caso desta pesquisa, um estudante (semente) nos indicava outro que conhecia. As sementes ajudam o pesquisador a iniciar os contatos e construir a rede de entrevistados (VINUTO, 2014).

Como técnicas de coleta de dados, utilizamos um questionário sócio demográfico e uma entrevista narrativa. O questionário, aplicado aos sujeitos antes de iniciarmos a entrevista, teve por objetivo traçar um perfil dos participantes que frequentam o primeiro ano do ensino médio em escolas públicas. A entrevista narrativa é adequada a este estudo porque privilegia as significações atribuídas pelos próprios estudantes aos objetos, práticas e sujeitos.

---

<sup>4</sup> Por se tratar de uma pesquisa com menores de idade, seus pais e responsáveis deveriam assinar um termo de autorização para que participassem, até o presente momento recebemos 15 autorizações e estamos no aguardo do envio das demais.



Segundo Moscovici (2003, p.38), "nossas experiências e ideias passadas não são experiências ou ideias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e influenciar nossa experiência e ideias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente". Por meio de entrevista narrativa podemos depreender representações sociais.

Devido ao contexto de pandemia da Covid-19 e ao distanciamento social por ela imposto, as entrevistas não aconteceram totalmente de forma presencial, pois somente no final do ano de 2021 as escolas estaduais voltaram a funcionar de forma presencial ou híbrida. Assim, 20 entrevistas foram realizadas de forma *online* e 13 ocorreram de forma presencial nas escolas em que os sujeitos estudavam.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentamos os indicativos de representações sociais de escola, e prática pedagógica no ensino médio decorrentes das entrevistas. Assim, organizamos, com base na análise do conteúdo, dois tópicos, a saber: a) Representações sociais de escola de ensino médio e b) representações sociais de prática pedagógica nas escolas de ensino médio.

### *a) Representações sociais de escola de ensino médio*

Do conjunto das narrativas sobre a escola os participantes salientaram: a qualidade do ensino oferecido, abrangência da formação, a boa convivência no espaço escolar e a infraestrutura deficitária.

No que se refere à *qualidade* do ensino oferecido, o grupo é quase unânime em reconhecê-la. Particularmente os que frequentam as escolas técnicas são enfáticos em suas narrativas a esse respeito. Como referências favoráveis são destacadas principalmente a oferta do ensino técnico e suas possibilidades e o trabalho dos professores afirmam: “[...] minha escola é muito boa pra quem quer se profissionalizar [...] trabalha com coisas de design, como comunicação visual e design de interiores, eu recomendaria a pessoa ir com o pensamento de querer trabalhar, eu gosto bastante de lá”(S.3), “[...] o técnico é incrível, de verdade, os professores do técnico da ETE são realmente muito bons, o do ensino normal também, [...] vale a pena entrar!” (S.09), “escola muito boa, eu acho que a proposta dela também é muito boa porque já sai daqui com formação, com preparação, então realmente acho que é boa” (S.16), “[...] é uma escola boa, os professores são ótimos” (S. 35), “[...] tem professores bons” (S.27), “[...] Eu acho uma escola boa, no geral eu acho também os professores ótimos, qualificados” (S.28).



Além disso, são destacados como aspectos de qualidade da escola a rigorosidade, as exigências e vantagens da formação técnica para ingresso no mercado de trabalho. Eis o que dizem: “[...] eu diria um pouco rigorosa em algumas questões, mas é totalmente entendível, [...] é uma equipe muito grande, principalmente porque é uma ETE né, uma escola técnica, então ele tem uma carga horária de integral e técnico que é muito grande” (S.19) “[...] é uma escola muito boa e que pode te impulsionar bastante na vida profissional” (S. 20), “[...] é, muito boa e também um pouco puxada, mas eu provavelmente já sabia porque a gente meio que recebe um pouco antes quantas matérias iriam ter e tudo mais por ser um curso técnico” (S.24).

Em algumas das considerações fica claro que os discentes de escolas técnicas, em suas representações, dão destaque a oferta do ensino técnico, sua organização e possibilidades.

A *formação abrangente* a que têm acesso nas instituições de ensino médio aparece nas narrativas de alguns dos estudantes. Pelas falas foi possível depreender que tal formação é ampla, não se restringe ao acesso aos conteúdos. Sobre esse aspecto disse um dos entrevistados: “[...] tem a visão muito ampla, porque ela trabalha muito também questões sociais, sempre tá tendo... é... sempre tá tendo dinâmicas, envolvimento social e eu acho muito interessante” (S.06).

Outro aspecto destacado pelos estudantes, ao se referirem às escolas nas quais estudam, foi a *boa convivência*, o acolhimento que tiveram ao ingressar na instituição e as relações entre colegas e professores. A esse respeito afirmam: “[...] ela é bem acolhedora, ela é tão acolhedora que em todos os inícios dos anos, ela, antes de começar as aulas, no início do mês de janeiro a gente tem uma chamada acolhida” (S.10) “[...] alunos tentam ajudar um ao outro, do segundo ao terceiro ano, então realmente é uma família exatamente essa escola” (S.17) “[...] eu gosto de conviver com meus amigos, porque tipo... em casa, com a pandemia, eu não tô saindo muito, eu fico me sentindo sozinha e quando eu vou pra escola eu me divirto bastante” (S.05). De modo semelhante a esses resultados, Cerqueira (2011), em estudo sobre representações sociais de escola, reconhece esse espaço como de construção de conhecimento e desenvolvimento e socialização dos alunos.

Ao destacarem essa relação de boa convivência, falam da pandemia e do ensino como impactos à construção de relações afetivas mais sólidas. Os estudantes relatam que, devido ao fato da maioria estar iniciando o ensino médio nessas escolas e de forma remota, as relações são ainda superficiais, de pouco conhecimento e familiaridade com os colegas. Afirmam: “[...] Eu não posso dizer muito bem porque eu não tenho muito contato, mas eu acho que é isso



pelo que aparenta” (S.20), “[...] não falo muito com muita gente” (S26), “Eu acho o pessoal é bem tranquilo o que me surpreendeu, diferente das minhas outras escolas anteriores” (S.24).

Identificamos em menor número e restritas aos estudantes de escolas técnicas, maior número de referências positivas à *infraestrutura* e condições gerais de trabalho e estudo nessas escolas. Por exemplo, dois participantes falaram: “[...] eu sempre fui estudante de escola particular, né? Então eu não tinha consciência de como é que funcionaria em direção a em escola pública então assim eu achei que seria uma realidade diferente, mas acontece que a escola assim ela tem infraestrutura, investem muito nela, ela é patrocinada” (S. 19); “[...] a estrutura dela é muito boa também” (S.22).

O que mais atrai ou aprecia os participantes da pesquisa na escola em que estudam são: a oferta de ensino técnico e suas perspectivas de ingresso no mercado de trabalho; os professores e os amigos. Novamente o ensino técnico é enfatizado pelos alunos das escolas profissionais e os demais entrevistados (de escolas regulares e de referência) o que menos apreciam nas escolas são os problemas de infraestrutura e organização. Destacam: “[...] infraestrutura porque tem certos lugares que estão meio degradados” (S.20), “[...] falta mais estrutura [...] tem algumas salas que o ar condicionado não funciona ou alguma sala que falta uma cortina que é pra cobrir a luz do sol” (S.21).

Perguntamos aos participantes da pesquisa o que diriam sobre a escola em que estudam a outros adolescentes e jovens que desejam nelas ingressar. O conjunto de respostas a este questionamento variou conforme o grupo pesquisado. Os alunos de escolas técnicas destacaram a sobrecarga, extensão do turno, necessidade de uma disciplina de estudos. Nas referências a tais aspectos não identificamos críticas, mas vantagens de ser aluno desse tipo de escola. Eis algumas das recomendações feitas a futuros colegas: “[...] a carga horária é muito, é muito grande, mas vale a pena” (S.19), “[...] foque nos assuntos porque não no final tudo vira uma bola de neve” (S.20), “[...] tentar manter tudo em dia ao máximo porque as coisas acumulam muito rápido” (S.23); “[...] mesmo sendo puxado, [...] tem que aproveitar cada momento, porque mesmo sendo a escola difícil no final vai valer tudo a pena” (S.24).

Os estudantes de escolas de referência e regulares relataram preocupações com as companhias; restrições à infraestrutura, qualidade do ensino, ter clareza em relação à escolha da escola, bem como sugerem procurarem uma escola de melhor qualidade. Alguns dos fragmentos expressam essas restrições às escolas: “[...] Eu diria que a escola é boa, mas tem que ver com quem ela anda e tal, nem todo mundo presta aqui” (S.26) “[...] A escola é boa, educação é boa, é só questão de estrutura mesmo, mas se não conseguir optar pelo ETE é uma opção boa” (S.32), “Eu diria pra ela procurar outra escola porque vai ser melhor.” (S.34), “[...]”

tem muitas coisas nela que é um mais ou menos [...] Eu ia pedir pra ela entrar consciente” (S.35).

Das respostas à indagação acerca do que mais e menos apreciam nas escolas, bem como das dicas para futuros colegas sobre essas instituições, podemos depreender representações sociais que são explicitamente mais favoráveis às escolas técnicas e mais restritivas as instituições escolares de referência e regulares.

### ***b) Representações sociais da prática pedagógica nas escolas de ensino médio***

Como já dissemos, adotamos neste texto a concepção de prática pedagógica de Souza (2009), que na sua visão é um complexo cultural/institucional (docente, discente, gestor e epistemológico). Assim foi com essa compreensão que analisamos as narrativas dos estudantes e apresentamos alguns indícios representacionais do grupo pesquisado acerca desse complexo objeto.

De modo geral, nas narrativas os docentes e suas práticas são marcadas por responsabilidade e compromisso com a aprendizagem dos alunos. Os participantes referem-se a preferências por alguns professores, por disciplinas que lecionam e salientam qualidades como paciência, preocupação em explicar bem os conteúdos e o estabelecimento de boas relações com as turmas. Eis alguns comentários: “[...] eles ensinam muito bem, tem uma interação muito grande com os alunos” (S.22), “[...] Eu acho a maioria bem legal. Eles interagem bastante com os alunos” (S.24); “[...] tem uma interação muito grande com os alunos” (S.22 “[...] tem uma interação muito boa, eles ensinam muito bem também” (S.24), “[...] são bem formados, são bem disciplinados” (S.33).

Apesar da maior parte dos participantes destacar qualidades positivas dos professores e do trabalho que desenvolvem, identificamos nas narrativas algumas restrições às práticas desses docentes que, segundo os alunos, manifestam atitudes preconceituosas em sala de aula, possuem modo repetitivo de ensinar, pouco interagem com as turmas, além de demonstrarem ausência de qualificação para o ensino. Esses aspectos se expressam nos trechos das narrativas a seguir: “[...] alguns em específico que eu acho não são tão habilitados a explicar a matéria” (S.09) “[...] se você perguntar pra qualquer pessoa daquele colégio se alguém gosta dele, ninguém gosta [...] ele é muito chato sabe, em questão de tudo. A aula dele também é um saco e a matéria, o jeito que ele passa a aula também, ninguém gosta.[...]”(S.02) “eu acho que, eu só não me dou muito bem mesmo com a de português por causa desse lance dela ser transfóbica” (S.12); “[...] alguns professores veem a gente como números, eu não sei se é meio pesado falar isso, mas é porque eles parecem que estão preparando a gente pra fazer uma

prova e só isso”; (S.11) “eu acho que, eu só não me dou muito bem mesmo com a de português por causa desse lance dela ser transfóbica” (S.12) “[...] depende do dia a dia do professor porque é muito puxado, aí fica meio cansativo, aí eles ficam meio estressados” (S.13); “[...] eles não interagem, não como minha antiga escola, [...] O foco lá é aprender.” (S.21).

Essas considerações sugerem um misto nas representações sociais dos professores, ou seja, há representações favoráveis que exaltam o trabalho docente e há, também, algumas arestas em relação às suas atitudes. De modo semelhante a esses achados, para Escalante e Xavier (2011), na escola básica pública existem docentes que podem desempenhar atitudes vistas como positivas pelos estudantes, são aqueles profissionais que ajudam, que chamam atenção dos alunos, são comprometidos com o ensino, bem como existem profissionais mais afastados dos discentes e pouco envolvidos com o trabalho pedagógico. Segundo Vale, Maciel e Rodrigues (2018), os motivos para o pouco envolvimento com a docência podem estar associados à desvalorização social da profissão.

Ao tratarem sobre prática gestora, referiram-se ao trabalho dos funcionários, coordenadores (pedagógicos e de cursos técnicos) e aos gestores escolares. Mesmo com algumas restrições, sentimos que há uma distância entre alguns gestores e coordenadores e os estudantes nas escolas.

Ao serem indagados sobre a prática desses profissionais, alguns dos depoimentos são elogiosos, que ressaltam o papel ativo dos gestores. Afirmando: “[...] eu gosto muito deles, eles são bastante interativos alunos, são bastante, sempre tem aquela conversa, sempre tem reuniões também, a gente” (S. 08); “[...] eles realmente estão bem inteirados do que está acontecendo na escola, eles sabem tudo, eles gostam de estar por dentro das coisas” (S. 09) “eles são muito ativos, eles estão sempre andando pela escola, conversando com todo mundo, resolvendo problema, são muito ativos (S.11)”. “A gestora excelente, ajuda a gente demais, principalmente no *whatsapp*, quando tem alguma dúvida eu chego lá e ela responde na hora e aqui na escola, todos, quando eu preciso de ajuda eles me ajudam” (S.14).

No entanto, as falas de outros entrevistados deixam entrever certo distanciamento entre alunos e os gestores escolares. Dizem: “são mais eles nas deles e quando a gente precisa e tal, mas próxima não” (S.12); “[...] são alunos, aí eles são mais próximos da gente. [...] A gestão mesmo é um pouco afastada, mas sempre que a gente precisa eles são super prestativos em atender a gente” (S. 16); “[...] Eu acho a diretora um pouco chata, [...] porque a diretora é muito séria e eu não gosto de gente muito séria” (S. 06).



Em algumas narrativas identificamos desconhecimento desse corpo gestor. Afirmam: “[...] gestão? Eu não cheguei a conhecer, se eu ver eu nem sei quem é” (S.30); “[...] eu não consegui conhecer o (coordenador) do técnico [...] não tive a oportunidade de conhecer ele nem o atual se eu não me engano, não sei se tem outro, mas bom... A equipe de gestão assim sempre muito boa[...]

 (S.19), “[...] eu não conheço muito bem a gestora mas até então em relação a gestão da escola e não da gestora eu nunca vi nenhum problema não[...] (S.20); “eu acho que eu não tive nenhum contato com o coordenador técnico” (S.22), “[...] (coordenadores/diretores) Eu não conheço muito, eu também não sou próxima deles, inclusive mal sei o nome [...]A gente tem um grupo com a coordenadora só que a gente só fala com ela quando eu pra justificar falta ou pra falar de alguma coisa relacionada a escola mas relação pessoal nenhuma [...]” (S.23).

Ressaltamos que as condições de infraestrutura deficitária são reclamadas por todo grupo pesquisado. No entanto, aspectos negativos para com a gestão e organização do espaço escolar foram mais presentes nas falas de estudantes de escolas regulares e de referência em ensino médio.

Relacionamos, também, à prática gestora às recorrentes referências dos entrevistados à ação colaborativa de alunos denominados de protagonistas. Esses estudantes, matriculados no segundo e terceiro ano do ensino médio, assumem um papel ativo de colaboração com a gestão no sentido de facilitar a convivência e processo de ensino aprendizagem nas escolas. Sobre os protagonistas, destacaram: “eu acho que às vezes eles (os gestores) deixam isso muito pros protagonistas já que são alunos, aí eles são mais próximos da gente. Mas, a gestão mesmo é um pouco afastada...” (S.16),

Salientamos que os estudantes de escolas de referência e regulares foram mais críticos à gestão e organização dessas escolas. Disseram, por exemplo: “[...] às vezes não tem tanta regra como deveria ter” (S.29), “[...] eles não têm muita responsabilidade” (S.34), “[...] muito desorganizada” (S.35); “[...] aquela escola é apenas um lugar aceitável” (S. 29).

Com base nos resultados, é possível falar de que predominam no grupo investigado representações sociais que valorizam o trabalho docente, dos gestores e demais funcionários vinculados à escola de ensino médio. No entanto, identificamos algumas restrições a essas práticas, sobretudo, no que se refere a práticas docentes e gestoras que se revelaram para alguns dos participantes como mais burocráticas e distantes desses alunos nas escolas.

Entendemos representações sociais como fenômenos que circulam, cruzam e cristalizam-se constantemente por meio de uma fala, um gesto ou encontro do cotidiano e devem ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

Em resposta ao objetivo proposto, inferimos que os estudantes de primeiro ano de ensino médio ouvidos na pesquisa que deu origem a este artigo, possuem representações sociais de escola centradas na qualidade do ensino oferecido, abrangência da formação, a boa convivência no espaço e infraestrutura deficitária. Apesar dos problemas de cunho estrutural, a formação é valorizada reconhecida como superior à oferecida nas escolas de ensino fundamental em que estudaram. A oferta do ensino remoto, em função da pandemia do Covid-19 e suas consequências, permeiam essas representações.

Acerca dos docentes e suas práticas identificamos representações mistas. Alguns são mais otimistas e elogiosos ao trabalho docente e outros compartilham críticas às suas atitudes e práticas no interior das salas de aula nas escolas. Convém dizer que percebemos maiores referências críticas ao ensino e o espaço físico e social da escola por parte de alunos de escolas regulares e de referência em ensino médio. Os alunos de escolas técnicas foram mais elogiosos ao ambiente escolar e ao ensino técnico profissional em que estão matriculados.

As representações sociais de prática pedagógica estão centradas em elementos como a aprendizagem dos conteúdos, relações e convivência na escola e ação comprometida de profissionais (funcionários, gestores e coordenadores). Esses elementos ganham relevo em suas construções simbólicas acerca da prática pedagógica. Destacamos que a relação entre os estudantes e corpo gestor das escolas revelou distanciamento. Esse aparente obstáculo tem sido superado pela intermediação de alunos protagonistas que têm sido a ponte entre gestão e corpo discente na solução de problemas e demandas dos discentes nas escolas.

No conjunto dos depoimentos foi possível entrever uma hierarquização entre as escolas de ensino médio em que os estudantes estão matriculados. Sem dúvida, as escolas técnicas de referência são representadas como superior em qualidade para o conjunto geral dos entrevistados. São principalmente os estudantes das escolas regulares (sucateadas em diferentes aspectos) os que mais explicitam essa desigualdade no âmbito do ensino médio público. Com base nos achados, sugerimos um repensar das políticas de ensino médio no estado de Pernambuco que, mesmo voltadas para inclusão da juventude, têm sido excludentes para grande parte desse grupo social.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 13<sup>a</sup> ed. Campinas: Papirus, 2007
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins, 2007.
- CERQUEIRA, T. C. S. Representações sociais da escola: percepção de professores de escolas públicas do Distrito Federal. In: **Anais do X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE-**. PUC-PR, Curitiba, nov. 2011.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez. 2ed. 1998.
- ESCALANTE, R. K; XAVIER, R. P. Alunos de Escola Pública e suas representações de professores. **Práxis Educativa**, v. 6, n.2, p 265- 276, jul. /dez. 2011
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 5<sup>a</sup> edição. 2010
- JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**: Editora Vozes,2005
- JOVCHELOVITCH, S. BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis. Vozes. 2012, 12<sup>o</sup> ed. p.90-113.
- KRAWCZYK, N.; FERRETTI C. J. Flexibilizar para quê? Meias verdades da “reforma”. **Revista retratos da escola**, Brasília, v.11, n.20, p.33-44, jan./jun. 2017.
- MACHADO, L. B. **Escola pública e seus professores nas representações sociais de estudantes universitários**. Processo CNPq n<sup>a</sup> 304759/2017-1(relatório final), 2021 (texto digitalizado)
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais - Investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003, 404p.